

ALTERIDADE E RESPONSABILIDADE EM LEVINAS
OTHERNESS AND RESPONSIBILITY IN LEVINAS

Alex Fernandes Braz de Azevedo¹

Canício Scherer²

RESUMO: Este estudo concentra-se na análise da filosofia de Emmanuel Levinas, destacando a relevância da alteridade como fundamento para uma ética sólida em meio à crescente indiferença nas interações atuais. O escopo da pesquisa abrange a investigação da relação entre alteridade e responsabilidade, com uma abordagem metodológica que se baseia na análise textual de obras fundamentais do pensamento levinasiano. Os resultados revelam que a proposta de Levinas, centrada em relações desinteressadas e isentas de preconceitos, oferece uma perspectiva aguçada para enfrentar os desafios intrínsecos às interações contemporâneas, notadamente os fenômenos do individualismo e da indiferença. A seção de discussão argumenta enfaticamente que a abordagem ética delineada por Levinas possui um potencial considerável para enriquecer as dinâmicas das relações humanas. Destaca-se a capacidade desta análise filosófica para oferecer respostas éticas concretas aos dilemas contemporâneos, contribuindo de maneira significativa para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Este trabalho, portanto, busca fornecer uma contribuição relevante para a compreensão e aplicação da ética levinasiana, apresentando uma análise sobre a pertinência dessa perspectiva filosófica no contexto dos desafios éticos.

Palavras-chave: Levinas; Alteridade; Outro; Responsabilidade; Ética.

ABSTRACT: This study focuses on the analysis of Emmanuel Levinas's philosophy, highlighting the relevance of otherness as the foundation for a robust ethics in the face of growing indifference in current interactions. The scope of the research encompasses the investigation of the relationship between otherness and responsibility, with a methodological approach based on the textual analysis of key works in Levinasian thought. The results reveal that Levinas's proposal, centered on uninterested and prejudice-free relationships, offers a sharp perspective to address the intrinsic challenges in contemporary interactions, notably the phenomena of individualism and indifference.

The discussion section strongly argues that Levinas's outlined ethical approach has considerable potential to enrich the dynamics of human relationships. The ability of this

¹ Graduando do curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano - Unisales. E-mail: alexfbazevedo1611@gmail.com

² Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em Filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Professor do Unisales; Filosofia: Ética. E-mail: cscherer@salesiano.br

philosophical analysis to provide concrete ethical responses to contemporary dilemmas is emphasized, contributing significantly to the construction of a more equitable and inclusive society. Therefore, this work seeks to provide a relevant contribution to the understanding and application of Levinasian ethics, presenting an analysis of the pertinence of this philosophical perspective in the context of ethical challenges.

Keywords: Levinas; Otherness; Other; Responsibility; Ethics.

1. INTRODUÇÃO

A alteridade é inerente ao ser humano, embora nem sempre seja devidamente considerada. É sabido que o homem não vive só. Ele é um ser relacional e social por natureza, e, diante da realidade de descaso e de coisificação e indiferença observada cotidianamente em nossa sociedade, especialmente no ambiente virtual, levando muitas vezes à violência, dore desencanto pela vida.

Levinas (2004) aponta para a hiperatividade do reconhecimento do outro (*alter*) como fundamento da ética, fato esse tão necessário e pertinente hoje quanto na época dos escritos, uma vez que diz respeito às relações entre as pessoas. Hodiernamente as relações entre as pessoas encontram-se seriamente fragmentadas e superficiais. No pensamento de Levinas a presença do outro interpela e faz com que a subjetividade do indivíduo, surge então um encontro de subjetividades, onde um não “nega” o outro, mas ambos se enriquecem subjetivamente. Não é apenas uma presença física, mas metafísica. A relação com o outro nessa perspectiva não é apenas o estabelecimento de uma relação de intersubjetividade, mas de subjetividade, ou seja, o sujeito se forma como pessoa na relação com o outro. Todos os potenciais que um indivíduo poderá desenvolver só se efetivarão na relação com o outro. É o ser do Eu que se dá apenas mediante a relação com o outro (Levinas, 1993).

Para Levinas, a alteridade exprime uma sabedoria pertinente para a consecução de uma comunicação ética, onde o sujeito é chamado ao ‘êxodo’: sair de si mesmo para ir ao encontro do outro. Assim, a ética da alteridade se torna caminho e abre estradas para o âmbito da comunicação. Alteridade apresenta seus desafios e possibilidades a partir da mudança de paradigma relacional da contemporaneidade.

A comunicação como ética da responsabilidade ou “filosofia do diálogo” em Lévinas, se obtém entre dois interlocutores totalmente separados que não se comunicam via discurso, mas através do respeito e da responsabilidade que o eu assume pelo Outro, da hospitalidade do “Outro em mim”. O relacionamento com o outro não pode ser baseado no plano da reciprocidade, pois o outro é ao mesmo tempo diferente de mim e mais desprovido que eu.

Nosso autor propõe que a alteridade seja considerada como ponto de partida fundamental para a construção de um arcabouço ético sólido. Nessa abordagem, a subjetividade é posta como um elemento essencial para a elaboração e efetivação da ética levinasiana, uma vez que se valoriza a singularidade do outro e suas diferenças individuais. É importante notar que a ética em questão não se limita a ser um mero

conjunto de conceitos abstratos ou um protótipo homogeneizante, mas, antes de tudo, se caracteriza como uma promoção da relação autêntica com o outro.

A filosofia de Levinas, centrada na alteridade e responsabilidade em relação ao outro, continua relevante nos dias de hoje. Em uma sociedade diversa e globalizada, a compreensão da alteridade é essencial para promover a harmonia em sociedades pluralistas. A ética intercultural, a responsabilidade social, a ética na era digital e o enfrentamento de desafios globais se beneficiam dos princípios levinasianos. Sua ênfase na promoção do respeito pelas identidades das pessoas também pode combater preconceitos e ódio, promovendo uma coexistência justa e pacífica. Em resumo, a filosofia de Lévinas oferece uma base ética sólida para abordar questões contemporâneas complexas e urgentes.

Este estudo tem como objetivo compreender e analisar a importância da responsabilidade pelo outro na filosofia de Emmanuel Levinas. Para atingir esse propósito, delineamos metas específicas que incluem a explanação da relação entre alteridade e responsabilidade na visão de Levinas. Realizamos uma análise crítica da literatura filosófica que aborda a ética da alteridade no contexto de Levinas, buscando embasar teoricamente nossa investigação. Além disso, associamos e analisamos o conceito central de alteridade, principalmente o “rosto do outro”, utilizando o método de análise do campo das relações entre indivíduos para entender suas implicações éticas. A partir dessas análises, inferimos a necessidade contemporânea de resgatar a ética da alteridade. Os resultados obtidos oferecem insights valiosos para reflexões éticas na atualidade, com sugestões simples para fortalecer a ideia de sermos mais compreensivos e cuidadosos com os outros, destacando como isso pode ser a base para assumirmos responsabilidades nas nossas relações interpessoais. Este estudo contribui para uma compreensão mais profunda da ética de Levinas e destaca a importância da responsabilidade pelo outro.

2. LEVINAS E A ÉTICA DA ALTERIDADE

2.1 QUEM É EMMANUEL LEVINAS?

Emmanuel Levinas nasceu na Lituânia, em Kaunas, em 1906. Herdeiro da cultura judaica cresceu em um ambiente em que as vozes soavam russo e hebraico, idiomas falados e estudados em sua casa. O gosto pelos livros Levinas herdou de seu pai, um livreiro.

Quando os judeus foram expulsos da Lituânia, sua família foi obrigada a emigrar para a Ucrânia, onde Levinas fez o curso secundário. Somente em 1929, aos vinte e três anos é que a família voltou para Lituânia, porém o filósofo logo resolveu morar sozinho, matriculando-se na Universidade de Estrasburgo.

A vida intelectual de Levinas sofreu influências de Henry Bérgrson, pela escola da fenomenologia de Edmund Husserl e de Martin Heidegger. Porém, o filósofo seguiu para França a fim de completar sua primeira obra, sobre Husserl ele diz que em uma de suas obras que: “Foi com Husserl que descobri o sentido concreto da própria possibilidade de trabalhar em filosofia” (Levinas, 2007, p. 19) seu contato com Husserl fez com que doutorasse no ano de 1930 abordando a tese “A teoria da intuição na fenomenologia de Husserl”, no qual desenvolveu os princípios do método

fenomenológico, que são eminentemente primeiro, uma descrição dos atos do espírito, de sua intencionalidade e de suas afeições; segundo, uma reflexão a partir do indivíduo. É a partir dessas posições que emerge uma concepção particular de ética, compreendida como o permanente reconhecimento do outro.

A história de vida de nosso filósofo foi marcada por perseguições e horror. Vítima dos nazistas ficou prisioneiro no período da segunda guerra mundial por meio dos anos de 1939 e 1945 na Bretanha e Alemanha. Sua família foi brutalmente assassinada pelos soldados, dizimando assim seus familiares. A segunda guerra influenciou diretamente no surgimento da filosofia levinasiana. Partindo do ponto da crueldade do homem contra o seu semelhante, Emmanuel Levinas elabora uma ética onde a responsabilidade pelo outro passa a ser ponto fundamental.

Após a guerra, como diretor de um Instituto de estudos judaicos, dedicou-se por quatro anos ao estudo intensivo do Talmude que resultou num escrito volumoso sobre “Judeidade”. Em 1961 publicou sua obra de maior envergadura, intitulada “Totalidade e infinito”. Lecionou por vários anos na universidade de Paris-Sorbone (1973-1984). Morreu dia 27 de dezembro de 1995, menos de uma semana antes de seu aniversário de 90 anos.

2.1.1 A CRÍTICA À FILOSOFIA OCIDENTAL E A GÊNESE DE SEU PENSAMENTO

Emmanuel Levinas desenvolveu suas ideias em um contexto pós-guerra na Europa, uma época marcada por uma profunda crise e pela busca por uma nova orientação filosófica e moral. Sua obra reflete a necessidade de encontrar respostas no pensamento ocidental para compreender como ideologias totalitárias e imperialistas, como o nazismo e o fascismo, levaram a tragédias como o holocausto. Para Levinas, a guerra é a manifestação mais cruel do individualismo, pois ela aniquila qualquer possibilidade de encontro com o outro, de alteridade. Ele argumentou que a filosofia ocidental, ao se concentrar na ontologia, tornou-se essencialmente uma filosofia egoísta, preocupada com o Ser-em-si e com a busca de conhecimento como um objeto cognoscível. Essa abordagem ontológica resultou em uma sociedade insensível e totalitária, onde a competição e a busca pela individualidade absoluta tornam-se predominantes.

Levinas propôs uma mudança de paradigma ao destacar a importância da ética e da responsabilidade para com o outro. Em vez de se concentrar na ontologia e no conhecimento como formas de poder, ele enfatizou a necessidade de colocar o outro no centro de nossa reflexão filosófica. Para Levinas, a verdadeira filosofia deveria ser uma filosofia da alteridade, na qual a relação com o outro humano é fundamental. Esse pensamento representa uma crítica contundente à filosofia ocidental e suas implicações éticas, e tem desempenhado um papel significativo no desenvolvimento do pensamento ético e filosófico no século XX. “A filosofia ocidental foi, na maioria das vezes, uma ontologia: uma redução do Outro ao Mesmo, pela intervenção de um termo médio e neutro que assegura a inteligência do ser” (Levinas, 2008, p. 31).

Nesse contexto, o filósofo empreende uma abordagem teórica direcionada a subverter a ética da tradição filosófica ocidental, que, conforme sua análise negligencia a questão da alteridade e a relação com o outro. Observa-se, assim, que no pensamento

ocidental, a figura do Outro frequentemente é subsumida e assimilada ao âmbito do “eu”, englobando elementos culturais, filosóficos, religiosos e outros domínios. Desse modo, a perspectiva reducionista define a própria existência a partir do “ser” (que surge com Parmênides: 530-460 a.C) “O ser é, o não-ser não é”, do “eu” ou ergo cogito (“Penso, logo existo” de Descartes). Segundo Levinas, essas são as bases filosóficas do pensamento ocidental que constituem a realidade apenas a partir de si mesmas (Levinas, 2008).

Conforme a perspectiva de Levinas, a filosofia ocidental historicamente negligenciou a consideração do “Outro”. Em vez disso, o “Outro” frequentemente foi subsumido e interpretado predominantemente como uma questão de ontologia, ou seja, a redução do “Outro” ao domínio do “Mesmo”. O autor oferece esclarecimentos:

A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder. [...]. A ontologia torna-se ontologia da natureza, impessoal fecundidade, mãe generosa sem rosto, matriz dos seres particulares, matéria inesgotável das coisas. Filosofia do poder, a ontologia, como Filosofia primeira que não põe em questão o Mesmo. É uma Filosofia da injustiça (Levinas, 2008, p. 33-34).

A ética ocidental e a própria filosofia, justificam a guerra e a violência contra o Outro, uma vez que o Outro se torna ameaça à visão de mundo reduzida e egocêntrica.

O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo ‘tu’ ou ‘nós’ não é um plural de ‘eu’. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum. Nem a posse, nem a unidade do número, nem a unidade do conceito me ligam a outrem. Ausência de pátria comum que faz do Outro Estrangeiro; o Estrangeiro que perturba o ‘em sua casa’. Mas o estrangeiro quer dizer também o livre. Sobre ele não posso poder, porquanto escapa ao meu domínio num aspecto essencial [...] (Levinas, 2008, p. 26).

Para Levinas, a filosofia primeira não é a ontologia e sim a ética. Para tanto, Levinas estabelece o diálogo também com filósofos contemporâneos como Husserl e Heidegger, pensadores fundamentais para ele. Desta forma, a crítica à ontologia não só permite pensar outro caminho para a filosofia ocidental como também uma abertura para o surgimento de relações éticas onde o outro seja visto em sua alteridade radical. A ética, na qualidade de uma profunda busca pelo significado intrínseco da condição humana, emerge como uma questão de considerável magnitude na contemporaneidade. Para o filósofo em análise, esta ética se manifesta como o impulso primordial subjacente a todo empreendimento filosófico, ainda que, em sua obra, ela evolua gradualmente até se estabelecer de forma definitiva como a “filosofia primeira”.

A filosofia levinasiana é amplamente conhecida por sua abordagem única e provocadora à ética e à relação entre indivíduos. Neste contexto, é crucial compreender os princípios fundamentais da filosofia de Emmanuel Levinas, que nos desafia a repensar nossa compreensão tradicional. A obra de Emmanuel Lévinas se divide em três períodos distintos de evolução. No primeiro, ele explora a fenomenologia de Husserl e Heidegger. No segundo período, influenciado por experiências pessoais, como ser prisioneiro de guerra e perder grande parte de sua família, suas obras se torna menos abstratas e questionam a ontologia ocidental, destacando a singularidade do ser humano e criticando a filosofia ocidental contemporânea. Ele denuncia a objetificação do ser humano em projetos geopolíticos,

ênfatizando a necessidade de uma ética heterológica. No terceiro período, a partir de 1966, sua produção acadêmica se expande nas áreas filosóficas e teológicas (Souza, 1999).

Importa sublinhar que a intenção de Levinas não reside na elaboração de uma ética completamente nova, mas sim na demonstração de que a ética deve constituir o ponto de partida inalienável para toda investigação filosófica. O pensador sustenta que a ética desafia a noção tradicional de Identidade-Ser-Totalidade, cedendo lugar à ideia de que o Ser encontra sua verdadeira essência essencialmente na relação com o Outro. Tal relação se funda na responsabilidade, a fim de que o outro não seja reduzido a uma mera projeção do eu.

A construção do pensamento de Levinas se manifesta em obras que adotam uma abordagem sistemática, juntamente com uma variedade de artigos que exploram diversos aspectos de sua temática. O cerne de sua abordagem é notavelmente marcado por uma sensibilidade profunda em relação ao sofrimento humano, um traço que não é comumente associado aos filósofos tradicionalmente classificados como “grandes”.

Levinas enfatiza que a ética, centrada na responsabilidade para com o outro, oferece uma alternativa crucial a essa orientação ontológica. Ele argumenta que a verdadeira filosofia deve começar com a ética, reconhecendo a importância de colocar o outro no centro de nossas preocupações. Isso implica reconhecer a humanidade e a dignidade do outro, em vez de reduzi-lo a um objeto ou um meio para nossos próprios fins. Nesse sentido, a ética de Levinas atua como uma força contrária à guerra e à violência, uma vez que nos convoca a ver o outro como um ser humano com valor intrínseco, e não como um adversário a ser derrotado ou um recurso a ser explorado.

2.2 O OUTRO

Inicialmente, ressaltamos que Emmanuel Levinas não foi o criador nem o primeiro filósofo a desenvolverem o conceito de Alteridade. Conforme o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2007, p. 35) o termo significa: “Ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro”. É nessa dimensão de constituir-se para o Outro, através de seu Rosto, onde a partir daí devemos desenvolver a sensibilidade da responsabilidade com o Outro. Dessa forma, Levinas (2009) ao pensar diferente daquela ontologia Ocidental, busca fundamentar de uma forma concreta sua filosofia primeira, em sua nova ética.

A filosofia de Emmanuel Levinas não se restringe a temas específicos e herméticos, mas se envolve em diálogo com uma ampla variedade de questões filosóficas. Segundo o filósofo, a noção de pensar o outro vai além de qualquer atributo e representa uma abordagem que visa compreender a relação com o próximo pela qual somos responsáveis. Levinas introduz um novo paradigma de humanismo, que se baseia em princípios éticos e promove a interação interpessoal e intersubjetiva. O aspecto mais notável da filosofia de Levinas é o destaque que ele dá a um pensamento que prioriza a preservação da vida, contribuindo assim para a redução da violência e da morte em relação ao outro ser humano. Portanto, podemos concluir que esse novo humanismo é caracterizado pela prática do amor, da justiça, da fraternidade e da responsabilidade em relação ao outro.

Conforme apresenta o pensador em sua obra “Totalidade e Infinito” (2008), a manifestação do rosto abre-nos para a humanização do homem:

A epifania do rosto como rosto abre a humanidade. O rosto na sua nudez de rosto apresenta-me a penúria do pobre e do estrangeiro; mas essa pobreza e esse exílio que apelam para os meus poderes visam-me, não se entregam a tais poderes como dados, permanecem expressão de rosto. O pobre, o estrangeiro, apresenta-se como igual. A sua igualdade na pobreza essencial consiste em referir-se ao terceiro, assim presente no encontro e que, dentro da sua miséria. (...). A presença do rosto - o infinito do Outro - é indigência, presença do terceiro (isto é, de toda a humanidade que nos observa) e ordem que ordena que mande. (...). Toda a relação social, como uma derivada, remonta à apresentação do Outro ao Mesmo, sem qualquer intermédio de imagem ou de sinal, unicamente pela expressão do rosto (Levinas, 2008, p. 190-191).

A epifania do rosto é de certa forma, uma palavra de honra. É o olhar quem ordena a sua epifania. O rosto é a própria identidade de um ser, que se manifesta a partir dele mesmo. Na filosofia de Levinas, destaca-se a manifestação da transcendência e do infinito no rosto do outro. Esse rosto é portador de uma dimensão que vai além do limitado, revelando uma natureza que intriga, desafia e transcende as fronteiras da existência individual. Nesse contexto, o rosto do outro se apresenta como um agente que não apenas demanda nossa atenção, mas também nos interpela, nos convoca a uma relação. Ele se torna a voz que instaura a abertura para a alteridade, um chamado à responsabilidade e à ética.

A relação com o Infinito não é conhecimento, mas proximidade, que preserva o desmedido do não englobável que aflora. Tal relação é Desejo, isto é, precisamente pensamento que pensa infinitamente mais do que pensa. Para solicitar um pensamento que pensa mais do que pensa, o infinito não pode encarnar-se num Desejável, não pode como infinito enclausurar-se num fim. Ele solicita através de um rosto (Levinas, 2004, p. 90).

A presença do outro, manifestada em seu rosto, assume uma importância central, destacando a necessidade de reconhecer a transcendência e a singularidade do outro como fundamentais para estabelecer os alicerces éticos e a responsabilidade em nossa interação com o mundo.

O outro é trazido para reflexão filosófica como ponto fundamental de conhecimento. que marca e interpela o “Eu”, as relações interpessoais que fazem parte e são partes constituintes da subjetividade humana. Ao tratarmos das inspirações sobre “o reconhecimento do outro” em Levinas, sabemos que ele escreveu sua primeira obra “A Teoria da Intuição da Fenomenologia De Husserl” (1930) na qual desenvolve seu pensamento e suas reflexões a partir do indivíduo.

Por outro lado, com a consolidação da globalização neoliberal desenhava-se um horizonte supostamente promissor, como a construção de um novo mundo, sem fronteiras e multicultural. Nesta acepção, a alteridade seria plenamente vivenciada e, supostamente habitaríamos um mundo sem segregação. Estaríamos todos irmanados por meio da corresponsabilidade.

Em Levinas não é possível pensar a Alteridade sem analisar o conceito de Rosto, muito importante em sua filosofia. Nesse conceito se expressa, para o pensador

lituano, a essência do ser humano de forma concreta. Para Levinas o rosto do outro é de suma importância nas relações do ser humano:

O Outro que se manifesta no Rosto perpassa, de alguma forma, sua própria essência plástica, como um ser que abrisse a janela onde sua figura, no entanto já se desenhava. Sua presença consiste em se despir da forma que, entretimes, já a manifestava. Sua manifestação é um excedente (surplus) sobre a paralisia inevitável da manifestação. É precisamente isto que nós descrevemos pela fórmula: o Rosto fala (Levinas, 2009, p. 51).

É de fundamental relevância notar que, na filosofia apresentada, a alteridade se concretiza mediante a aparição do rosto do outro. O rosto do outro, em sua manifestação de epifania e transcendência, confere ao encontro face a face o mandato de responsabilidade atribuído ao eu em relação ao outro: “Esta alteridade e esta separação absoluta manifesta-se na epifania do rosto, no face-a-face” (Levinas, 2004, p. 237).

Assim, entende-se que para Levinas existe no homem certo grau de consciência em relação à Alteridade. Consciência que talvez em alguns casos não fica clara na vida do ser humano. A nossa sociedade capitalista não conduz o ser humano a amadurecer a ideia de “coabitar com a diferença”, e muito menos nos ajuda a viver o “eu-tu profundamente”. Nesse contexto, Levinas (1997) esclarece a significativa relevância do sujeito e de suas interações com o outro. Todas as escolhas, ainda que tomadas de maneira subjetiva, têm o potencial de provocar transformações, uma vez que requerem a consideração do rosto alheio e a percepção de que também o outro demanda atenção e cuidado, destacando assim o princípio de que, ao cuidar do outro, o ser humano cuida de si mesmo.

Ainda segundo Levinas, “Esta inversão humana do em-si e do para-si, do “cada um por si”, em um eu ético, em prioridade do para-outro [...]” (Levinas, 2004, p. 269), isso evidencia a falta de cuidado e a negação da essência intrínseca do ser humano. Aqui, encontramos um ponto-chave que nos vincula à ética da alteridade e da responsabilidade. Essa ética não se restringe a questões puramente metafísicas, mas tem um caráter concreto e empírico que requer de cada indivíduo uma transformação de perspectiva em relação ao outro.

Emmanuel Levinas, em seu estudo dentro da fenomenologia, aborda a percepção e o significado que emergem do ato de olhar, destacando que a presença do outro se manifesta de maneira singular sob a forma de um “rosto”.

A primeira vista, pode parecer simplista individualizar o rosto humano como referencial do discurso ético. O rosto, como parte do corpo humano, é privilegiado pelo fato de concentrar em si os sentidos superiores, fatores principais da comunicação e das relações interpessoais: a visão, a voz, a escuta e um outro sentido importante, que é o paladar. Mas não é isso que caracteriza o rosto, segundo Levinas. Sua importância não seria por esse motivo. A epifania do rosto não teria nada de perceptivo, enquanto é entendido como relação ética. O rosto não é um fenômeno; ele não é uma oferta de dados a serem considerados, compreendidos dentro de uma lógica e concebidos dentro da dimensão conceitual. O rosto é o que mostra, o que fala e o seu silêncio, também. Este é, enfim, lugar de transgressão da diferença radical da visibilidade e da invisibilidade do indivíduo (Melo, 2023, p. 90-91).

Essa aparição do rosto impõe a necessidade de respeito e acolhimento por parte do Eu, estabelecendo, desse modo, uma relação ética. Para Levinas, o Eu deve enxergar na figura do outro a infinitude, e o meio para se desvencilhar do seu egocentrismo limitado, conforme sua argumentação é a transcendência. Em termos mais simples, o Eu não consegue escapar do seu isolamento por conta própria, uma vez que sua essência é finita e controlável. Ele necessita do outro, que é ilimitado e incontrolável, a fim de verdadeiramente experimentar a alteridade.

A filosofia em questão, desde sua concepção, está intrinsicamente orientada para o reconhecimento e valorização do outro como um princípio fundamental, destacando a completa alteridade do outro em relação ao eu. O filósofo francês busca, em essência, resgatar a subjetividade por meio de uma abordagem pautada na racionalidade ética. É por intermédio dessa racionalidade ética que se estabelece uma base para as relações interpessoais, fundamentada em princípios que asseguram a preservação da vida e a dignidade de todos os membros da sociedade, bem como a acolhida do outro em sua totalidade e singularidade. Isso decorre da compreensão de que a nossa própria humanidade se constitui primordialmente pela interação e relação com o outro.

[...] como estou inclinado a pensar, a alteridade do outro homem em relação ao eu é inicialmente - e, ousado dizer, é "positivamente"- rosto do outro homem obrigando o eu, o qual de imediato - sem deliberação - responde por outrem. De imediato, isto é, responde "gratuitamente", sem se preocupar com reciprocidade. Gratuitade do pelo outro, resposta de responsabilidade (Levinas, 2004, p. 214).

Portanto, torna-se evidente que a ética proposta por Levinas transcende os meros deveres morais e normativos estabelecidos pelas leis e pelo simples cumprimento de sua legalidade na sociedade. Levinas enfatiza que o aspecto mais crucial reside na valorização do outro e na sacralidade da vida. A expressão da ética da alteridade consiste, principalmente, na reconstrução do que podemos chamar de significado ético da subjetividade, que se concretiza por meio da acolhida do rosto do outro. É por meio da abertura à exterioridade, da epifania do outro, que encontramos o caminho para o processo de humanização, ou seja, para a verdadeira e profunda relação ética.

2.3 A RESPONSABILIDADE PELO OUTRO

No âmbito da filosofia, Emmanuel Levinas apresenta uma abordagem notável e corajosa à questão da alteridade ética, introduzindo conceitos fundamentais como o cuidado, o respeito e a responsabilidade em relação ao outro. Sua proposta representa uma ruptura substancial com o paradigma tradicional da filosofia clássica, que geralmente negligencia a consideração do outro como um ser em relação. A contribuição mais distintiva de Levinas reside na afirmação de que a alteridade não pode ser plenamente apreendida exclusivamente através da lente de nossa própria razão; ela se revela de maneira mais autêntica quando vista a partir da perspectiva do outro. O filósofo levanta questões substanciais sobre a ética que emerge da ontologia, argumentando que tal abordagem frequentemente resulta em uma ética marcada pelo exercício do poder, a promoção de interesses próprios, a perpetuação da opressão e a busca pelo domínio. Ele destaca que a ética ontológica muitas vezes desconsidera o outro, minando assim sua verdadeira consideração ética, a responsabilidade.

Como Emmanuel Levinas caracteriza o conceito de responsabilidade em sua filosofia? De que maneira o conceito de responsabilidade pode ser aplicado nas relações interpessoais? Em sua filosofia, enfatiza a importância da responsabilidade pelo Outro como um elemento fundamental. Ele aborda questões relacionadas a essa responsabilidade ao longo de sua obra. Para o filósofo, a responsabilidade não é apenas uma noção ética, mas algo essencial e intrínseco à sua visão filosófica.

Para melhor compreender o conceito de responsabilidade de Emmanuel Levinas, é relevante destacar sua definição: “Entendo a responsabilidade como responsabilidade por outrem, portanto, como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto” (Levinas, 2007, p. 87). Segundo Levinas, a responsabilidade vai além de uma mera preocupação ética; ela representa um imperativo ético incontornável, uma chamada fundamental à ação moral. A responsabilidade nas relações intersubjetivas transcende a esfera do eu individual e se manifesta no encontro com o Outro. Ele destaca que a relação com o Outro é intrinsecamente marcada pela nossa responsabilidade para com o Outro. Nessa dinâmica, somos convocados a assumir a responsabilidade não apenas por nossas próprias ações, mas também pelo bem-estar e dignidade do Outro. Levinas enfatiza que a responsabilidade é uma resposta à vulnerabilidade do Outro e que é por meio dessa responsabilidade que verdadeiras relações éticas e humanas são construídas. Essa responsabilidade inerente não é uma escolha, mas uma obrigação moral que transcende as convenções sociais e as estruturas normativas.

Em suma, para Levinas, a responsabilidade é um elemento central em sua filosofia, que se manifesta nas relações intersubjetivas como um compromisso moral inalienável. Ela é intrínseca à nossa condição humana e é a base sobre a qual ele constrói sua abordagem ética centrada no Outro.

A filosofia de Levinas não apenas desafia os fundamentos da ética e da ontologia, mas também convida a uma reflexão mais profunda sobre a própria natureza da filosofia como uma disciplina que busca compreender a essência do ser humano e sua relação com o outro. Sua abordagem enfatiza a necessidade de colocar o outro no cerne da reflexão filosófica, promovendo um compromisso ético com o cuidado, o respeito e a responsabilidade para com o outro como princípios fundamentais de nosso entendimento ético.

No livro “O humanismo do outro homem” (1993), Levinas pontua que a responsabilidade não é uma servidão pelo outro, pois a subjetividade está além do determinismo de servidão. Neste caso o caráter servil fica anulado pelo bem que comanda a responsabilidade.

A responsabilidade indeclinável e, contudo jamais assumida em toda liberdade - é bem. A investitura pelo bem, a passividade do ‘sofrer o bem’, [...]. É a partir de uma passividade radical da subjetividade que foi alcançada a noção de ‘uma responsabilidade ultrapassando a liberdade’ (conquanto só a liberdade deveria poder limitar as responsabilidades), [...]. A impossibilidade da escolha não é aqui o efeito da violência - fatalidade ou determinismo - mas da eleição irrecusável pelo bem que não é precisamente ação, mas a não - violência mesma. Eleição, quer dizer, investitura do não intercambiável. [...]. É a responsabilidade ultrapassando a liberdade, quer dizer, a

responsabilidade pelos outros. [...]. É pelo Bem que a obrigação à responsabilidade irrevogável, irreversível e irrecusável - mas que não remonta a uma escolha - não a violência que contrariaria uma escolha, mas situa uma 'interioridade' que precede a liberdade e não-liberdade [...]; é obediência a um valor único sem antivalor, [...]; o sujeito é eleito guardando o vestígio da eleição (Levinas, 2009, p. 83-85).

O Papa Francisco em sua carta incíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social (2020), em simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas com espírito de responsabilidade.

O ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude «a não ser no sincero dom de si mesmo» aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: «Só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que me comunico com o outro». Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que «a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte» (Francisco, 2020, n. 87).

Assim como Emmanuel Levinas, o Papa Francisco enfatiza a importância de direcionar a atenção para o próximo na contemporaneidade, destacando que a alteridade e a responsabilidade estão interligadas e abrem horizontes para uma nova forma de reflexão que transcende o isolamento, estendendo-se para além de si mesmo e encontrando-se no outro. É por meio do olhar responsável em direção ao outro que uma sociedade mais compassiva para todos é construída, onde a responsabilidade se torna o traço distintivo que assegura a possibilidade de estabelecer relações, de promover um discurso ético, acolhedor e receptivo às necessidades alheias. O ser humano só encontra plenitude e realiza sua verdadeira natureza por meio do ato genuíno de se doar aos outros. A verdadeira compreensão de si mesmo é alcançada no encontro com os outros, e a vida ganha seu maior valor quando há pessoas reais para amar. A existência autêntica está enraizada em conexões, comunhão e fraternidade, enquanto o isolamento leva à falta de sentido e à morte espiritual. Em resumo, o pensamento ressalta que as relações interpessoais e o compromisso com os outros são essenciais para a realização e significado da vida humana.

A intersecção entre a filosofia de Emmanuel Levinas e a mensagem bíblica oferece uma perspectiva profunda sobre a responsabilidade e o amor para com o próximo. “A responsabilidade por outrem, significada como ordem no rosto do próximo” (Levinas, 2004, p. 220), nos convoca a aceita-lá sem reservas. O princípio “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, conforme Mateus 22,39 (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1744) converge com a filosofia de Levinas, estabelecendo uma base sólida para a importância do cuidado com o próximo.

A Bíblia reforça a noção de que o amor é o cerne da alteridade e da responsabilidade, sendo uma força motriz que nos impele a agir em prol do bem-estar dos outros. Este pensamento ilustra a ligação intrínseca entre ética, religião e humanidade, destacando

a necessidade de se cumprir o imperativo ético de se responsabilizar pelo bem-estar e dignidade dos outros, conforme Levinas defende. Portanto, a citação bíblica enriquece o argumento de Levinas, realçando o papel do amor e da responsabilidade nas relações humanas e na construção de uma sociedade ética.

O filósofo Levinas (2004) destaca que na ética da responsabilidade, a condição social, étnica ou religiosa do outro não é o fator primordial. A responsabilidade não depende do que o outro representa na sociedade e não está ligada a interesses particulares. Nesse contexto, a igualdade é uma ideia abstrata que se concretiza na relação com o outro, surgindo assim um chamado à responsabilidade por ele. A igualdade se realiza no momento da relação e está intrinsecamente ligada ao acolhimento do rosto do outro.

A Proximidade representa o aspecto mais profundo da vida humana. A responsabilidade, enquanto manifestação de uma relação ética genuína atesta nossa conexão com o outro. Ela delimita seus contornos quando o outro se apresenta diante de nós, buscando salvaguardar seu direito mais fundamental: a própria vida. A inviolabilidade dessa vida não deve ser transgredida por sistemas que operam de maneira isolada e hermética. Dessa forma, é imperativo que observemos atentamente a realidade de nossa sociedade contemporânea, a qual se encontra circundada por manifestações de fundamentalismo, conflitos étnicos, políticos, econômicos e religiosos, muitas vezes impulsionados por interesses individuais.

Nesse contexto, é inegável a negação da responsabilidade ética, visto que não há espaço para o outro e sua valorização. Inúmeras vidas são ceifadas em nome da indústria bélica e do desejo de acumulação de poder. O que prevalece não são as pessoas, mas a supremacia de sistemas fechados e desprovidos da capacidade de se sensibilizar diante do outro em sua miséria, fome, dor e sofrimento. O outro, no seio da sociedade, com frequência, não possui voz nem lugar. A abordagem levinasiana da responsabilidade é caracterizada por sua independência de jogos de poder e interesses. Ela repudia rótulos e atos discriminatórios. Ser responsável pelo outro é, na verdade, uma convocação, emanada do rosto do próximo, para assumir a tarefa de cuidar, de proteger a vida, de se erigir como guardião do próximo.

Em um mundo frequentemente destituído de uma ética sólida, a proposta de Emmanuel Levinas emerge como uma tentativa de responder aos desafios da contemporaneidade, a qual ainda permanece influenciada pela tradição ontológica da filosofia ocidental. A responsabilidade se apresenta como uma convocação para promover um novo humanismo, uma abordagem que não pode ser desconsiderada, uma vez que reconhece o outro como um elemento fundamental no processo de construção e promoção da humanidade.

Conforme a filosofia de Emmanuel Levinas, somos responsáveis uns pelos outros devido à essência intrínseca de nossas relações interpessoais. Para Lévinas, a responsabilidade para com o outro não é uma escolha, mas sim uma imposição ética que emana do encontro face a face com o outro. Este encontro com o “rosto do outro” nos confronta com a singularidade e humanidade do próximo, desafiando-nos a reconhecer sua vulnerabilidade e necessidades. Levinas argumenta que a ética precede qualquer reflexão filosófica ou teórica, e que a responsabilidade ética é uma resposta imediata e incondicional à presença do outro. Ele descreve a responsabilidade como um chamado que nos convoca a cuidar, proteger e agir em

favor do outro, independentemente de suas características pessoais, como raça, religião, cultura, ou qualquer outra distinção. Essa responsabilidade constitui o alicerce das relações humanas e nos torna moralmente obrigados a agir eticamente em relação ao outro. Portanto, de acordo com Levinas, a responsabilidade pelos outros é uma condição fundamental da existência humana, uma imposição ética inescapável e é o cerne de suas reflexões sobre a ética e a moralidade. A interconexão entre seres humanos, revelada através da responsabilidade mútua, representa um tema central em sua filosofia.

3. METODOLOGIA

Para se pensar nos problemas e desafios voltados à responsabilidade e à alteridade, recolhemos os resultados analisando o fenômeno das relações na atualidade, dos métodos da Análise de Conversação e dos processos de responsabilidade com o outro, ou seja dentro do processo de relação. Para isso, além das principais obras de Emmanuel Levinas, tais como: “Entre nós” (2004), “O humanismo do outro homem” (2009), “Ética e adescoberta do outro” (2010) e “Ética e infinito” (2007).

Realizamos uma atualização ou releitura do pensamento de Emmanuel Lévinas buscando analisar a relação entre responsabilidade e alteridade exprime uma chave de leitura que pode inspirar diversas discussões na contemporaneidade do individualismo, a indiferença com o outro, os alarmantes índices de violência, etc. Todos esses aspectos são resultado da relação com o outro que o próprio Lévinas propõe: uma relação frente a frente, desinteressada, onde um sem pré-conceitos acolhe a subjetividade do outro e ambos se enriquecem subjetivamente.

Esta pesquisa foi de caráter exploratório uma vez que, de acordo com Gil (2002, p. 41) seu intuito é “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

Para proceder com a análise do material selecionado, adotamos o método de pesquisabibliográfica, pois de acordo com Vergara (2010, p. 43), “[...] a pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”. A utilidade da pesquisa bibliográfica se mostra pela necessidade de se levantar informações a respeito dos estudos sobre alteridade e as relações no mundo virtual e de se esclarecer os conceitos dos autores supracitados.

Justificasse, portanto, empreender uma reflexão acerca das atuais relações entre os indivíduos, tendo como referencial o conceito de “alteridade” na perspectiva ética de Emmanuel Levinas (2007) que propõe uma forma de relacionar-se que vai além da exterioridade, que faz ter com o outro uma relação desinteressada, remetendo à responsabilidade por outrem, que implica até mesmo a formação da subjetividade da pessoa que só existe mediante a relação efetiva com o outro.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A URGÊNCIA DA ÉTICA DA ALTERIDADE E DA RESPONSABILIDADE

Na perspectiva de Emmanuel Levinas, os desafios da alteridade e responsabilidade na contemporaneidade englobam diversas questões prementes, sobre as quais segue breve reflexão.

Em uma sociedade cada vez mais caracterizada pelo individualismo, é comum que as pessoas priorizem seus próprios interesses e desejos, muitas vezes relegando a responsabilidade para com o outro a um plano secundário. Isso representa um desafio para a ética da alteridade, que enfatiza a importância de colocar o outro em primeiro lugar. Para Levinas, o ser humano deve estar sempre em alerta diante da face do Outro. O Outro é o não si mesmo. É toda manifestação do ser humano fora de si. É esse ser que se chama à responsabilidade consigo mesmo e com a existência para além de si mesmo (Levinas, 1993, p. 53).

Na era digital, é notável a tendência à virtualização das relações interpessoais, o que frequentemente resulta em interações superficiais e despersonalizadas. A possibilidade de anonimato e a distância geográfica muitas vezes atuam como barreiras à empatia e ao respeito pelo outro. Isso, por sua vez, acarreta um desafio significativo na construção de relações autênticas fundamentadas nos princípios de alteridade e responsabilidade preconizados por Levinas.

Os Conflitos Interétnicos e Interculturais, na contemporaneidade, a crescente diversidade cultural e étnica em uma sociedade globalizada frequentemente resulta em conflitos e incompreensões. Dentro do contexto da ética da alteridade de Levinas, surge o desafio de superar preconceitos arraigados e estereótipos enraizados, com a finalidade de fomentar um ambiente de respeito genuíno pelas identidades culturais e étnicas dos outros. Isso requer a disposição de se engajar com empatia, reconhecendo o valor intrínseco das diversas culturas e identidades, além de promover uma convivência mais harmoniosa e justa.

A desigualdade econômica generalizada e a falta de acesso a recursos básicos em diversas partes do mundo representam sérios desafios à ética da responsabilidade e à promoção da justiça social. Na visão de Emmanuel Levinas, a importância de agir em relação aos outros, sobretudo aqueles que vivem em situações de vulnerabilidade, é enfatizada como um imperativo ético. A disparidade na distribuição de recursos e oportunidades coloca a responsabilidade de auxiliar aqueles em necessidade no centro da discussão sobre justiça social, buscando equilibrar as desigualdades e promover uma sociedade mais justa e inclusiva. Levinas nos lembra de que a ética não é apenas um dever, mas uma forma essencial de relacionar-se com o mundo e com nossos semelhantes com respeito.

“O respeito é uma relação entre iguais”, não somos iguais em termos de raça, condição social, opiniões políticas, religião ou cultura, mas compartilhamos uma igualdade fundamental como seres humanos. “A justiça supõe esta igualdade original” (Levinas, 2004, p. 62). A importância do respeito e da justiça em relação ao outro reside na necessidade de agirmos de forma mais responsável e comprometida com a proteção daqueles que frequentemente sofrem e são explorados por sistemas que priorizam seus próprios interesses, negligenciando o respeito e a justiça. Esses

princípios éticos se tornam fundamentais para assegurar uma convivência mais justa e compassiva em nossa sociedade.

O pensamento de Levinas é inserido mediante a realidade com o objetivo de interpelação ética do outro que se revela em sua alteridade e que proporciona de certo modo a compreensão da relação interpessoal. Nosso pensador descreve que “ética, é o humano, enquanto humano. [...] o único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, em relação a si, prioridade ao outro” (Levinas, 2004, p.149-150).

A escassez de recursos naturais representa um aspecto crítico na contemporaneidade, à medida que a crise ambiental global provoca indagações profundas sobre a responsabilidade em relação às gerações vindouras e à preservação do planeta. Nesse contexto, a ética da responsabilidade ambiental emerge como um pilar central na busca por estratégias e soluções destinadas a enfrentar os complexos desafios ambientais que ameaçam a sustentabilidade do nosso planeta. A encíclica “Laudato Si” do Papa Francisco incorpora princípios de responsabilidade e alteridade em seu apelo para a proteção do meio ambiente e a promoção de relações justas entre seres humanos e a natureza. Ela enfatiza a necessidade de uma ética ecológica que reconheça a importância de cuidar do outro e da criação de Deus.

Daí também a compreensão do meio ambiente como uma relação: “a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos” (Francisco, 2015, n. 139).

O alinhamento entre a “Laudato Si” e a filosofia de Levinas evidencia a relevância e aplicação desses princípios éticos em um contexto contemporâneo marcado por desafios ambientais e sociais complexos. Ambos os sistemas éticos compartilham a visão de que a responsabilidade e a alteridade são fundamentais para enfrentar esses desafios e promover uma sociedade mais justa e sustentável.

As ameaças à paz e à segurança em nosso mundo contemporâneo, marcado por conflitos globais e a constante ameaça de confrontos armados, destacam a importância de adotar uma abordagem ética que priorize a promoção da paz e a resolução de conflitos. Essa abordagem está profundamente ligada aos princípios da alteridade e responsabilidade, conforme propostos por Emmanuel Levinas.

A alteridade nos lembra que cada indivíduo, independentemente de sua origem, cultura, ou crenças, possui uma dignidade intrínseca que deve ser respeitada. A responsabilidade, por sua vez, nos chama a agir em relação aos outros de maneira ética, buscando o bem-estar comum e a justiça. Quando aplicamos esses princípios à busca pela paz e à resolução de conflitos, reconhecemos que é imperativo considerar o sofrimento e as necessidades dos outros, independentemente de quão diferentes possam ser de nós. Isso implica considerar a dignidade de todos os envolvidos, promover a comunicação e evitar que a segurança de uns seja obtida à custa dos outros.

Na contemporaneidade, a aplicação dos princípios de alteridade e responsabilidade de Levinas enfrenta desafios complexos, como individualismo, virtualização das relações, conflitos interétnicos, questões éticas em tecnologia, desigualdade, crises

ambientais e ameaças à paz. No entanto, a filosofia de Levinas continua a promover relações autênticas, justiça, respeito pelas diferenças culturais e éticas em um mundo interconectado e diversificado.

Levinas (2008) Outro como prioridade: o filósofo argumenta que a responsabilidade ética exige que coloquemos o outro em primeiro lugar, priorizando suas necessidades acima das nossas. Isso desafia a tendência natural de nos concentrarmos em nossos próprios interesses e necessidades, demandando que reconheçamos o valor intrínseco do outro.

Para fundamentar esta reflexão, Susin (1984, p. 408), observa que:

Minha responsabilidade por sua vida e por sua morte exige meu sacrifício, abrindo mão de meu ser e das minhas defesas contra a minha morte, sem reclamar por algum pretensão direito. Mesmo os direitos estabelecidos por uma estrutura política ou social, ou até psicológica ou instintiva, os 'direitos naturais' se desfazem no contato com as urgências do outro. O direito de viver se torna ilegítimo diante da fome do outro.

Levinas ainda desafia a ideia de autonomia absoluta ao argumentar que a responsabilidade nos liga aos outros de maneira que não podemos nos isolar completamente. Isso pode ser percebido como um desafio à nossa noção de liberdade absoluta. Isso significa que, em nossas ações, devemos considerar o impacto que temos sobre os outros e agir de maneira ética, levando em conta as necessidades e os direitos dos demais.

Nossa liberdade, portanto, não é absoluta, mas está intrinsecamente ligada à nossa responsabilidade pelos outros. Isso nos desafia a repensar nossa concepção de liberdade, reconhecendo que a verdadeira liberdade reside na capacidade de agir de maneira ética e responsável em relação aos outros. Os desafios da responsabilidade envolvem a necessidade de priorizar o outro, transcendendo nossos desejos pessoais, resistindo à pressão social, lidando com a ambiguidade moral e reconhecendo a interdependência humana. A responsabilidade, conforme concebida por Lévinas, representa uma chamada para agir eticamente em um mundo complexo e multifacetado.

É essencial ressaltar que, de acordo com a perspectiva filosófica de Emmanuel Levinas, a morte desempenha um papel significativo ao demonstrar a inevitabilidade de sua ocorrência, sua inacessibilidade à apropriação e sua incompreensibilidade integral. Levinas argumenta que a morte transcende os limites da compreensão humana e, em vez disso, nos desafia a considerar sua natureza para além da concepção tradicional do "Ser". Para ele, a morte serve como um convite à reflexão mais profunda sobre a humanidade e a ética, destacando a importância de uma abordagem ética fundamental que vai além da ontologia.

A morte do outro homem me põe em xeque e me questiona, como se desta morte o eu se tornasse, por sua indiferença, o cúmplice, e tivesse que responder por esta morte do outro e não deixá-lo morrer só. É precisamente neste chamado que a responsabilidade do eu pelo rosto que o convoca, que o suplica e que o reclama, que o Outrem é o próximo do eu (Levinas, 2004, p. 237-238).

Na filosofia de Levinas, a morte do outro nos confronta com uma responsabilidade ética profunda. A indiferença diante do sofrimento alheio nos torna cúmplices, e é nesse chamado à responsabilidade que o outro se torna nosso próximo. Assim, a morte não é apenas um evento pessoal, mas um lembrete constante de nossa obrigação moral de agir em solidariedade e não deixar o outro sofrer sozinho.

Entendemos que o desafio lançado por Levinas é o de integrar a dimensão pessoal e interpessoal da ética em um contexto mais amplo, onde a justiça social é o meio para transformar responsabilidade e alteridade em ações concretas que buscam a promoção da dignidade humana e a garantia dos direitos fundamentais de todos os indivíduos. Dessa forma, a evolução do pensamento de Levinas, da responsabilidade à justiça, representa uma contribuição significativa para a reflexão ética e a construção de uma sociedade mais justa e compassiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, exploramos de maneira bastante intensa a filosofia de Emmanuel Levinas, cujas contribuições se destacam como uma ousada contestação à tradição filosófica ocidental, muitas vezes caracterizada como a “filosofia do mesmo ou da totalidade”. É fundamental salientar que a abordagem levinasiana não apenas enriqueceu teoricamente nossa compreensão, mas também proporcionou uma perspectiva inovadora que desafia concepções tradicionais arraigadas.

Nesse contexto, a análise das contribuições dessa filosofia não apenas ampliou nosso horizonte intelectual, mas também suscitou uma reflexão crítica sobre os paradigmas estabelecidos, promovendo uma compreensão mais profunda e holística das dinâmicas filosóficas em questão. Observamos a crítica incisiva de Levinas à busca da compreensão do outro pela tradição filosófica, que frequentemente resulta na redução do outro a conceitos abstratos, negligenciando sua singularidade e dignidade. Em contrapartida, Levinas propõe uma ética fundamentada na relação com o rosto do outro, que é considerado portador do infinito e do transcendente, convocando a responsabilidade, o respeito e o amor em relação à alteridade do outro.

A filosofia levinasiana ressalta a importância da alteridade, destacando que o outro é aquilo que nos desafia a sair do âmbito do eu e a considerar a singularidade e dignidade do próximo como algo que transcende nossa compreensão intelectual. A responsabilidade pelo outro é central em sua ética, e essa responsabilidade se estende a todos os seres humanos, independentemente de sua identidade, história ou contexto. Levinas nos instiga a questionar e transcender a tradição da filosofia do mesmo, colocando o outro no centro de nossas considerações, reconhecendo sua singularidade e dignidade como algo que transcende nossa compreensão intelectual e que, portanto, demanda cuidado, consideração e responsabilidade.

Por meio de sua abordagem ética, o filósofo nos oferece uma poderosa perspectiva para repensar e reformular as bases da filosofia e da ética contemporânea, destacando a importância da relação interpessoal e da consideração pelo outro como fundamentais para a compreensão mais completa da experiência humana.

Atualmente, testemunhamos muitas atrocidades e genocídios quando falhamos em respeitar as diferenças e insistimos em impor nossas opiniões e decisões nas relações sociais, assumindo uma postura de detentores da verdade. Isso levanta a questão: qual é o espaço concedido ao outro? O outro também se expressa, comunica, tem ideias e verdades. Quando negamos essa interação entre o eu e o outro, surgem conflitos e uma dominação do eu sobre o outro.

A ética levinasiana não é algo teórico ou descritível; é simplesmente agir com responsabilidade em relação ao outro, que se manifesta a mim dizendo “eis-me aqui”. Isso implica que o rosto está sujeito à violência e vulnerabilidade, e cabe a mim a responsabilidade por esse rosto. Essa responsabilidade visa conceder espaço ao outro em diversas áreas da vida, sem buscar poder pelo poder, mas sim como um serviço que valoriza a pessoa humana em todas as dimensões da existência.

Levinas destaca a importância de promover a vida e combater a violência nas relações humanas, incentivando o amor, a justiça e a responsabilidade em relação ao “outro”, independente de identidade, história ou contexto. Apesar dos desafios em um mundo marcado pela indiferença, O filósofo nos oferece uma visão de que é possível estabelecer um sólido código ético baseado na preservação da vida. A justiça é alcançada através da responsabilidade incondicional do Eu não apenas em relação ao outro, mas em relação a todos, superando o egoísmo contemporâneo e promovendo a solidariedade e fraternidade humana.

Devemos internalizar a responsabilidade universal que temos em relação aos outros, especialmente àqueles que enfrentam situações de sofrimento e injustiça. A ética da alteridade nos lembra a importância de reconhecer o rosto daqueles que, muitas vezes devido à ganância e à violência, são reduzidos ao anonimato. Essa responsabilidade ética é uma convocação à ação em prol da humanidade e à construção de um mundo mais compassivo e justo. Essa ética da alteridade, quando aplicada em contextos práticos, como política, direitos humanos e ética profissional, pode servir como um guia valioso para a promoção da justiça. Levinas nos instiga a questionar e transcender a tradição da filosofia do mesmo, colocando o outro no centro de nossas considerações, reconhecendo sua singularidade e dignidade como algo que transcende nossa compreensão intelectual e que, portanto, demanda cuidado, consideração e responsabilidade.

Para estudos futuros, sugerimos investigações mais aprofundadas sobre a aplicação prática da ética levinasiana em diversas esferas, como política, direitos humanos, educação e ética profissional. Além disso, a exploração das conexões entre o pensamento de Levinas e outras correntes filosóficas e éticas pode enriquecer ainda mais o campo acadêmico. A compreensão da ética da alteridade e da responsabilidade universal como ferramentas para construir uma sociedade mais compassiva e justa é um desafio importante para futuras pesquisas, contribuindo para a busca contínua por uma ética e justiça verdadeiramente humanitárias.

AGRADECIMENTOS:

Neste momento, desejo expressar minha profunda gratidão a todos aqueles que desempenharam papéis fundamentais na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso. Suas contribuições e apoio tornaram este projeto possível.

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de sabedoria e inspiração, por guiar meus passos e iluminar meu caminho durante toda a jornada acadêmica. Sua graça e orientação foram inestimáveis.

À minha amada família, minhas raízes profundas, agradeço pelo amor inesgotável que floresce e nutre minha jornada. Suas palavras de incentivo e encorajamento são como as raízes de uma árvore resistente, sustentando meu crescimento e firmando-me nos ventos da vida. Às minhas amigadas, que me acompanharam, proporcionando suporte emocional e palavras de encorajamento, agradeço do fundo do meu coração. Sua amizade foi um pilar de apoio nos momentos mais desafiadores.

Ao Centro Universitário Salesiano (Unisaes), pela oportunidade de estudar e crescer academicamente nesta instituição de ensino. Sua dedicação à educação e excelência acadêmica foram fundamentais para a minha formação.

Ao meu dedicado orientador, Canício Scherer, pela orientação competente e pelo apoio incansável ao longo desta pesquisa. Suas valiosas sugestões e incentivo foram cruciais para o sucesso deste trabalho. Expresso meu apreço a todos os demais professores que generosamente compartilharam os frutos de sua sabedoria e as profundezas de sua experiência ao longo da minha jornada acadêmica. Cada um desempenhou um papel fundamental no enriquecimento da minha jornada de crescimento, tanto no âmbito acadêmico quanto na esfera pessoal.

Agradeço à Diocese de Cachoeiro de Itapemirim - ES, ao Seminário Maior “São João Maria Vianney”, por sua contribuição inestimável à minha formação. Com gratidão, continuarei a me dedicar aos estudos, tendo sempre em vista o amor e o serviço a Igreja.

Aos colegas de curso, que compartilharam conhecimento e experiência, e aos amigos que tornaram esta jornada acadêmica memorável, meu sincero reconhecimento. Suas interações e amizade foram um verdadeiro privilégio. Na jornada do conhecimento, reconhecemos a essência de nossa existência compartilhada, onde a ética nos convoca à responsabilidade e ao cuidado para com o outro. Assim, em gratidão a todos que fizeram parte deste caminho, continuemos a honrar a promessa da filosofia de Levinas, cultivando a ética que nos conecta e nos torna mais humanos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COSTA, Juliano Xavier da Silva; CAETANO, Renato Fernandes. “A concepção de alteridade em Levinas: Caminhos para uma Formação mais Humana no Mundo Contemporâneo.” **Revista Eletrônica Igarapé**, Nº 03, Maio de 2014. ISSN 2238-7587. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape>. Acesso em: 02 jun. 2022.

FIGUEIRAS, Rita. “Estudos em midiatização: causalidades, centralidades, interdisciplinaridades.” **Matrizes**, USP, São Paulo, V.11 - Nº 1, p. 101-126, jan/abr, 2017.

FRANCISCO (Papa). Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 03 de novembro 2023

FRANCISCO (Papa). Carta Encíclica Fratelli tutti sobre a fraternidade e a amizade social. Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 08 de maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Da existência ao infinito**: ensaios sobre Emmanuel Levinas. São Paulo: Loyola, 2006.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e a descoberta do outro**. Curitiba: CRV, 2010.

_____. **Ética e infinito**. São Paulo: Edições 70, 2007.

_____. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **O humanismo do outro homem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **O humanismo do outro homem**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: edições 70, 2008.

MELO, Nélio Vieira. **A Ética da Alteridade em Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SILVA, Marcio Bolda da. **Rosto e alteridade**: pressupostos da ética comunitária. São Paulo: Paulus, 1995.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Sujeito, ética e história**: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SUSIN, Luiz Carlos. **O Homem Messiânico**: Uma introdução ao Pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes, 1994.